

A história da Antiquoeste começou há cerca de 30 anos

Uma família, muitas histórias e uma nova vida para o passado

ANA ALCANTARA
(anaalcantara@badaladas.pt)

A terceira edição da Feira de Antiguidades da Antiquoeste, entre 17 e 19 de julho, levou cerca de 30 expositores e muitos visitantes à zona industrial de Valverde, nos Casalinhos de Alfaiata. Por detrás do evento está uma empresa familiar com cerca de três décadas de história, nascida da paixão de António Luís Reis Gomes pelo comércio de objetos antigos e hoje conduzida também pela filha, Leila Gomes.

Há quem entre à procura de uma peça específica. Há quem venha apenas ver. E há quem descubra, no meio de móveis, relógios, moedas, brinquedos, discos de vinil, pratos e objetos de coleção, uma memória que julgava esquecida.

Durante três dias, a Antiquoeste abriu as portas a uma nova edição da sua Feira de Antiguidades. O espaço, habitualmente ocupado por peças que aguardam uma nova história, transformou-se num ponto de encontro de vendedores, colecionadores, curiosos e visitantes de várias gerações.

"Nós só queremos mesmo que as pessoas venham", explica Leila Gomes. A entrada é livre e, para a responsável, essa é uma das características mais importantes do evento. Muitas pessoas, reconhece, ainda sentem algum receio de entrar numa loja de antiguidades sem intenção de comprar. A feira acaba por quebrar essa barreira.

"Há pessoas que têm casa há 20 anos em Santa Cruz e que não nos conheciam. Viram que havia a feira e decidiram vir", conta.

A terceira edição reuniu entre 28 e 30 expositores, vindos de vários pontos do país, de Valença do Minho a Setúbal, passando pelas Caldas da Rainha, Alcobaça, Castelo Branco, Alentejo e Algarve. Alguns participaram desde a primeira edição; outros chegaram este ano, depois de descobrirem o evento através das redes sociais.

O resultado é um espaço onde se encontra um pouco de tudo. Peças de prata, relógios, moedas, brinquedos antigos, discos de vinil, máquinas de jogos e objetos de coleção convivem com móveis e outros objetos que esperam uma nova oportunidade.

Uma das peças mais bonitas, aos olhos de Leila, nem chegou a ficar muito tempo em exposição. Uma mesa de gira-discos foi vendida logo no primeiro dia. *"Foi logo vendida",* conta, com a satisfação de quem sabe que, no universo das antiguidades, encontrar o comprador certo pode ser tão importante como encontrar a própria peça.

Uma empresa nascida de outra vida

A história da Antiquoeste começou há cerca de 30 anos, longe dos circuitos tradicionais do comércio de antiguidades.



A Antiquoeste é uma empresa familiar com 13 colaboradores

António Luís Reis Gomes era peixeiro ambulante. A mulher, Luísa Ramos, tinha uma peixaria. Foi o contacto com pessoas que pretendiam vender ou desfazer-se de móveis e objetos que despertou no empresário o gosto pela compra e venda de antiguidades.

O negócio foi crescendo. Primeiro, num armazém na Pedra. Depois, noutros espaços, até chegar a Valverde, onde a família foi ampliando as instalações à medida que a atividade se desenvolvia.

Hoje, a Antiquoeste é uma empresa familiar com 13 colaboradores. Alguns acompanham a família há décadas. Outros integram uma equipa mais jovem, que Leila Gomes considera essencial para renovar a imagem de um setor muitas vezes associado exclusivamente a gerações mais velhas.

A própria entrada de Leila no negócio familiar aconteceu depois de uma mudança de vida. Formada em Marketing e ligada à área da comunicação, trabalhou na RTP durante um ano. Quando o pai abriu uma segunda loja e precisou de alguém que assumisse a responsabilidade pelo espaço, surgiu a decisão.

Não foi uma escolha fácil. Gostava do trabalho e da equipa com quem trabalhava. Mas uma conversa com a sua chefe acabaria por ser determinante.

"Enquanto tua chefe, vou fazer tudo para que tu fiques. Mas, enquanto tua amiga, acho que deves seguir o teu caminho com o teu pai, porque um dia isto será teu e

quanto mais cedo começares, melhor", recorda.

Leila decidiu avançar. Trabalha na empresa desde 2016 e hoje assume sobretudo a área da comunicação e das redes sociais, enquanto o pai continua ligado às compras e à procura de novas peças.

"Não vim para aqui por ser obrigada. Vim porque é uma área de que gosto", afirma.

Depois da tempestade, a feira

A realização da feira deste ano ganhou um significado especial para a família.

As intempéries que atingiram a região provocaram danos significativos nas instalações da Antiquoeste. O telhado de um dos armazéns foi destruído e ficaram danificados móveis, máquinas e outros materiais. Parte do espólio conseguiu ser recuperada, mas muitos objetos perderam-se definitivamente.

O impacto foi tal que António Luís Reis Gomes chegou a ponderar não realizar a feira este ano. Foi a filha que o convenceu a avançar.

"O ano passado correu tão bem. Vamos fazer. Pode ser uma nova energia", terá dito Leila ao pai.

A organização ficou, em grande parte, nas suas mãos, com o apoio de um dos feirantes, conhecido por Zé Manel, que colabora na preparação do evento.

A feira acabou por ser também uma for-

ma de recuperar algum ânimo depois de um ano difícil. E, ao longo dos três dias, a solidariedade sentida pela família foi além dos visitantes.

Entre os feirantes existe, garante Leila, um forte espírito de entreajuda. *"Há espaço para todos",* defende.

Num setor onde cada peça é, muitas vezes, única, não há concorrência. Um vendedor pode ter um objeto que outro procura para um cliente. Um antiquário pode ser, simultaneamente, fornecedor e comprador.

Quando a Antiquoeste sofreu os danos provocados pelas intempéries, vários colegas manifestaram disponibilidade para ajudar. Alguns deslocaram-se ao espaço e houve até quem tivesse ido comprar material, apesar de não precisar dele.

As antiguidades estão a mudar de idade

A imagem de que as antiguidades são apenas para pessoas mais velhas começa a desaparecer, acredita Leila.

Nos últimos anos, a empresa tem notado um aumento do interesse por parte de jovens e estrangeiros. As redes sociais também contribuíram para esta mudança, ao mostrar peças antigas recuperadas, transformadas e integradas em espaços modernos.

Uma antiga mercearia pode, por exemplo, transformar-se num móvel para um quarto de criança. Foi o que aconteceu com uma peça adquirida por uma cliente, que a mandou pintar de vermelho e a adaptou para guardar brinquedos, livros e roupa.

"É preciso saber dar nova vida e novos espaços", resume Leila.

É também essa a visão que procura transmitir através da comunicação da Antiquoeste. Uma peça antiga não tem necessariamente de ser colocada numa casa antiga. Pode ser integrada num espaço moderno, criando uma mistura de estilos.

Na feira, essa mudança é visível. Entre os visitantes encontram-se colecionadores experientes, famílias, jovens e estrangeiros. Pessoas que chegam à procura de uma peça concreta e outras que simplesmente querem descobrir.

A feira termina, os expositores partem e o espaço regressa à sua organização habitual. Mas algumas pessoas ficam. Visitantes que entraram pela primeira vez, muitas vezes sem intenção de comprar, acabam por regressar.

É esse, para Leila Gomes, um dos maiores objetivos do evento: abrir as portas, aproximar as pessoas e mostrar que, por detrás de cada peça antiga, existe uma história.

E que, por vezes, basta encontrar o lugar certo para que o passado volte a ter futuro.